ESPAÇO DO POVO

Brasil | Fevereiro 2022 | Edição 84 | Ano 12 | Distribuição Gratuita

G10 Favelas une forças e voluntários para levar ajuda às famílias vítimas das enchentes no país

Grupo arrecadou mantimentos, brinquedos e kits de higiene que foram doados para famílias da Bahia e Minas Gerais

Página 11



Foto: Clewton Dias/CriaBrasil

EDITORIAL

Os cuidados afrouxaram, mas a pandemia não acabou!

Página 02

ROTEIRO GASTRONÔMICO

Acarajé e muito Axé!

Página 09

ARTIGO

O que é a Previdência Social e quais benefícios ela oferece?

Página 15

SAÚDE

Cidade de São Paulo prevê vacinar todas as crianças de 05 a 11 anos com a 1ª dose contra COVID até a volta às aulas

Vacinas têm dosagens e composições diferentes de acordo com cada faixa etária

Página 06

ECONOMIA

Golpes e fraudes com Pix: não caia nessa!

Apesar da facilidade que o sistema de pagamentos instantâneos oferece, é preciso ter cuidado para não ser mais uma vítima de golpes

Página 05

COMUNIDADE

Dificuldade em atualizar o Cadastro Único junto ao CRAS atrapalha acesso a benefícios

População busca atendimento junto ao CRAS, mas devido à falta de comunicação mais assertiva, muitos deixaram de receber os benefícios

Página 12

TELEFONES ÚTEIS

EMERGÊNCIA

DISQUE DENÚNCIA DIREITOS HUMANOS - 100
CENTRAL DE ATENDIMENTO À MULHER - 180
POLÍCIA MILITAR - 190
POLÍCIA CIVIL - 197
BOMBEIROS - 193
SAMU - 192
EMERGÊNCIA DE TRÂNSITO - 188

SAÚDE E SERVIÇOS

AMA PARAISÓPOLIS - Tel: 3742-5394
UBS 1 - Tel: 3744-5822
UBS 2 - Tel: 3501-9031
UBS 3 - Tel:3742-3269 / 3742-1323
SASF VILA ANDRADE - Tel: 3742-6891
CRAS CAMPO LIMPO - Tel: 5841-4776
CREAS CAMPO LIMPO - Tel: 5814-7483
6ª DELEGACIA DE DEFESA DA MULHER - Tel: 5521-6068
DEFENSORIA PÚBLICA - Tel: 3105-5799
MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO - Tel: 3119-9000
PREFEITURA DE SÃO PAULO - 156

EXPEDIENTE

ESPAÇO DO POVO
É uma publicação da Agência Cria Brasil.

Diretor
Jornalista Responsável
Joildo Santos
joildosantos@paraisopolis.org
MTB 67099 SP

Redação
Francisca Rodrigues
Diretora Executiva
francisca.rodrigues@agenciacriabrasil.com.br
Gabriela Marinho
gabriela.marinho@agenciacriabrasil.com.br
Keli Gois
keli.gois@agenciacriabrasil.com.br
Talytha Cardoso
talytha.cardoso@agenciacriabrasil.com.br
Monica Rydlewski
moica.rydlewski@agenciacriabrasil.com.br

Fotografia
André Silva
Luis Maike
Anderson Jorge

Projeto Gráfico e Editoração
Alex Andrade Edições
aandrade9@gmail.com

Anúncios e contato
11 - 97723-4537

Cria Brasil
Instagram: @criabrasilcomunicacao
Facebook: Agência Cria Brasil

Espaço do Povo
Instagram: @espacodopovo
Facebook: Jornal Espaço do povo
www.espacodopovo.com.br

Rua Itamotinga, 100
Paraisópolis São Paulo

EDITORIAL

Os cuidados afrouxaram, mas a pandemia não acabou!

Tenho visto, nas últimas semanas, um relaxamento nos cuidados em relação à proliferação do novo coronavírus. Mesmo diante de uma nova variante, a sensação é de que, para muitos, a pandemia acabou. Em contrapartida, os números de novos casos de contaminação e mortes crescem a cada dia.

O ano mal começou e já batemos o recorde na média móvel de casos de COVID. Em apenas 24 horas, registramos mais de 84 mil novos casos, totalizando 24.044.437 diagnósticos confirmados desde o início da pandemia, em março de 2020.

É como se estivéssemos revivendo aquele primeiro período de pandemia. O que muda é que agora a preocupação e os cuidados estão sendo esquecidos, ocasionando problemas muito maiores. A vacina tem sido uma grande conquista para o Brasil, que agora liberou as doses para as crianças também, mas é importante ressaltar que, apesar de diminuir os impactos e evitar as mortes, a vacina não impede a contaminação pelo novo coronavírus.



mais um ano e é importante lembrarmos que a pandemia não acabou. Em Paraisópolis, por exemplo, já estamos sentindo as consequências da lotação das unidades básicas de saúde e da falta de atendimento médico e socorro para casos mais urgentes.

Os casos de gripe e COVID têm se agravado a cada dia. Os pedidos de ajuda não param de chegar no Pavilhão Social do G10 Favelas e não podemos simplesmente ignorar o fato. No início do mês, o grupo de líderes intensificou o plano anti-covid e retomou também o atendimento das ambulâncias, mas é preciso que todos continuem tomando os cuidados necessários.

Se cada um fizer a sua parte, estaremos nos unindo em um só objetivo, cuidar da nossa comunidade e continuar sendo referência na mitigação da pandemia.



Joildo Santos
Diretor de Comunicação da Agência Cria Brasil

URBANIZAÇÃO

Prefeitura condiciona início das obras à remoção das famílias do Antonico

Moradores poderão optar pela carta de crédito, reembolso no valor construído ou aluguel social enquanto aguardam por moradia

Por Keli Gois



Foto: Anderson Jorge / CricaBrasil

A prefeitura de São Paulo aprovou, em dezembro, um decreto que regulamenta o "Pode Entrar", que marca uma nova etapa do programa habitacional do município de São Paulo. Com a publicação do decreto n.º 60.927/2021, cartas de crédito para aquisição de imóveis prontos serão emitidas para famílias que aguardam por moradia.

Com a aprovação do programa habitacional, a Secretaria Municipal de Habitação (Sehab), vai contemplar famílias removidas em decorrência de obras públicas; áreas de intervenção dos Programas de Urbanização de Favelas; famílias removidas em decorrência de desastres ou em áreas de risco, como é o caso dos moradores da região do Córrego do Antonico, em Paraisópolis, Zona Sul de São Paulo.

Em reunião com os moradores da comunidade no início de Janeiro, o Prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes, e o Secretário de Habitação, João Farias, anunciaram que as obras de urbanização em Paraisópolis, na região do Antonico, seriam retomadas. "Na situação do caso do Antonico, quando a pessoa desocupa o local e a prefeitura passa a fazer o pagamento do aluguel, ela fica em uma lista para poder ter a sua unidade habitacional da Prefeitura de São Paulo e, até o momento dela receber as chaves, ela vai receber o auxílio aluguel", afirmou o prefeito.

Conforme anúncio do Prefeito, os moradores terão duas opções: receber a indenização do valor calculado conforme os investimentos realizados para a construção da casa, ou ainda aguardar uma moradia enquanto recebe o auxílio do aluguel social. "A Prefeitura tem procurado duas alternativas, que é a questão do aluguel social, que será agora de R$ 600 e também a indenização em relação ao valor da obra e não do terreno, que é público. Para que com esse valor a pessoa possa dar entrada em algo", afirma.

Com a aprovação do novo programa habitacional, os moradores contam ainda com a opção da carta de crédito pelo Programa Pode Entrar, mas muitos reclamam da falta de esclarecimento em relação à carta de crédito, que será liberada em três modalidades: Carta de Crédito Modalidade Convencional: quando os valores deverão ser integralmente restituídos pelos beneficiários; Carta de Crédito Modalidade Subsídio: quando há dispensa da restituição dos valores pelos beneficiários e Carta de Crédito Modalidade Convencional com Subsídio: quando os valores deverão ser parcialmente restituídos pelos beneficiários.

Após a reunião com representantes da prefeitura, os moradores afirmam ter recebido a convocação para comparecer ao canteiro de obras, onde, de acordo com o Prefeito, eles seriam orientados na melhor opção. Porém, segundo alguns moradores, ainda há muitas dúvidas acerca da carta de crédito e o recebimento do aluguel social.

Renato de Ferreira recebeu a convocação anunciada pela Prefeitura e foi informado que deveria comparecer no canteiro de obras para realizar o cadastro, mas quando chegou ao local, deparou-se com duas opções que não ficaram muito claras. "Chegando lá eles informaram que a gente teria que escolher ou o auxílio aluguel ou o benefício, mas sem orientação nenhuma. Eu perguntei sobre a carta de crédito e me informaram que não tinha sido aprovada ainda. Como eles me convocam para fazer o cadastro do auxílio aluguel se tem as outras opções? De quanto vai ser o benefício, o valor da carta de crédito? Eles deixam a gente no escuro. E saí de lá sem escolher nenhuma das duas opções.", explicou.

Além da falta de informação e orientação em relação a melhor opção para cada caso, os moradores temem ainda não conseguir arcar com a diferença do financiamento oferecido por meio da carta de crédito. "Quando eles me explicaram sobre a carta de crédito, o que eles disseram é que seria de R$ 40 mil a R$ 80 mil, de acordo com a renda do morador. Aí usaríamos esse valor da carta de crédito que a prefeitura está pagando e o restante seria negociado com o banco. Mas a gente sabe que muitos não têm esse valor. Infelizmente, não é só ter a oportunidade, é ter como pagar", afirma Aline Raquel, moradora do Antonico e uma das primeiras a receber atendimento após desabamento ocorrido em outubro.

Lei que beneficia os entregadores que prestam serviços de aplicativos é aprovada

Fotos: Reprodução



No dia 05 de janeiro, o repasse ou reembolso das despesas com medicamentos. A assistência financeira deverá ser oferecida pelo período de 15 dias, podendo ser prorrogado por mais 15 dias, diante da apresentação do exame RT-PCR, comprovando a permanência da doença.

Além do suporte financeiro quando houver comprovação da CEPA, a empresa ao qual o entregador estiver prestando serviço, deverá contratar seguro contra acidentes pessoais sem franquia, em benefícios ao entregador. No caso do entregador sofrer algum acidente, a empresa que ele estiver prestando serviço, deverá indenizá-lo.

Na ausência do cumprimento das novas regras estabelecidas em lei, a empresa poderá arcar com multa que chega até R$ 5 mil, em casos de reincidência.

foi sancionada a lei que beneficia os entregadores de serviços de aplicativos de alimentação. A nova lei traz alívio e mais segurança para os profissionais autônomos que trabalham diariamente com entregas de aplicativos como IFood e Rappi.

Antes da lei, eles não tinham nenhuma segurança, ficando à mercê dos maus tempos, acidentes e suscetíveis ao contágio pela COVID-19, sem nenhum tipo de auxílio financeiro por parte das empresas contratantes.

Agora, as empresas terão que arcar com as despesas médicas, uma vez que o entregador for contaminado pela doença, mediante a apresentação de laudo médico, que constate a contaminação com o vírus. A partir deste laudo médico, a empresa terá que fazer

Censo IBGE será realizado este ano

A partir do dia 1º de agosto, mais de 210 milhões de brasileiros em mais de 70 milhões de casas serão visitados este ano para o levantamento do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), levantamento essencial para a formulação de políticas públicas e para traçar o perfil de todas as camadas sociais.

Realizado a cada dez anos, o Censo do IBGE é a principal fonte de referência para conhecimento de como as famílias vivem nos 5.570 municípios brasileiros por meio da captação de informações socioeconômicas.



O levantamento vai revelar características dos lares, identificação étnico-racial, casamentos realizados, núcleo familiar, natalidade, religião ou culto, deficiência, migração interna ou internacional, educação, deslocamento para estudo, trabalho e rendimento, deslocamento para trabalho, mortalidade e autismo.

Carnaval de rua é cancelado em São Paulo

Para evitar o contágio do novo coronavírus, a Prefeitura de São Paulo anunciou, no dia 6 de janeiro, o cancelamento dos blocos de carnaval de rua, que não poderão desfilar pela capital.



Segundo um balanço municipal de 30 de dezembro, a prefeitura de São Paulo havia autorizado 696 desfiles para o carnaval de rua, mas antes mesmo da decisão, 32 blocos cancelaram e informaram que não participariam mesmo que o evento fosse autorizado.

Apesar de não haver os blocos de rua, a prefeitura manteve os desfiles das escolas de samba de São Paulo no Sambódromo do Anhembi, que acontecerão nos dias 25,26, 27 e 28 de fevereiro. É importante destacar que os desfiles só acontecerão mediante aprovação de protocolos sanitários.

ECONOMIA

Golpes e fraudes com Pix: não caia nessa!

Apesar de toda a facilidade que o sistema de pagamentos instantâneos oferece, é preciso ter muito cuidado para não ser mais uma vítima de golpes

Por Keli Gois

Seja para pagar um boleto, uma conta ou simplesmente realizar transferências em dinheiro, você pode sempre contar com ele, que funciona 24 horas por dia, sete dias por semana. Sim, estamos falando do Pix, o sistema de pagamentos instantâneos que chegou com a promessa de ser rápido, acessível e moderno, e mudou a forma como realizamos pagamentos e transferências bancárias.

Criado há pouco mais de um ano, o Pix tem trazido muita facilidade aos brasileiros, que conseguem pagar contas e transferir quantias em dinheiro em segundos, dispensando toda a burocracia e taxas de transferências. Em setembro de 2021, há um ano da criação do sistema de pagamentos, as transações feitas pelo Pix superaram as realizadas por boletos, TEDs, DOCs e cheques, como demonstram os dados divulgados pelo Banco Central.

À medida que mais pessoas aderem ao sistema Pix por todas as facilidades oferecidas, crescem também os golpes e fraudes, que ocorrem das mais diversas formas. Para usar o Pix, é preciso cadastrar uma chave, que pode ser o número do telefone, CPF, CNPJ, e-mail ou uma chave aleatória, e é nesse momento de fornecimento de dados que o golpe pode ser aplicado por SMS, e-mail ou WhatsApp.

Um estudo realizado pelo Serasa Experian revela que a cada oito segundos, um brasileiro é vítima de golpes virtuais, sendo as fraudes envolvendo o Pix as mais frequentes. Para te ajudar a entender como esses crimes podem ocorrer, listamos a seguir algumas dicas de como realizar transferências de forma segura e fugir dos golpes, confira:

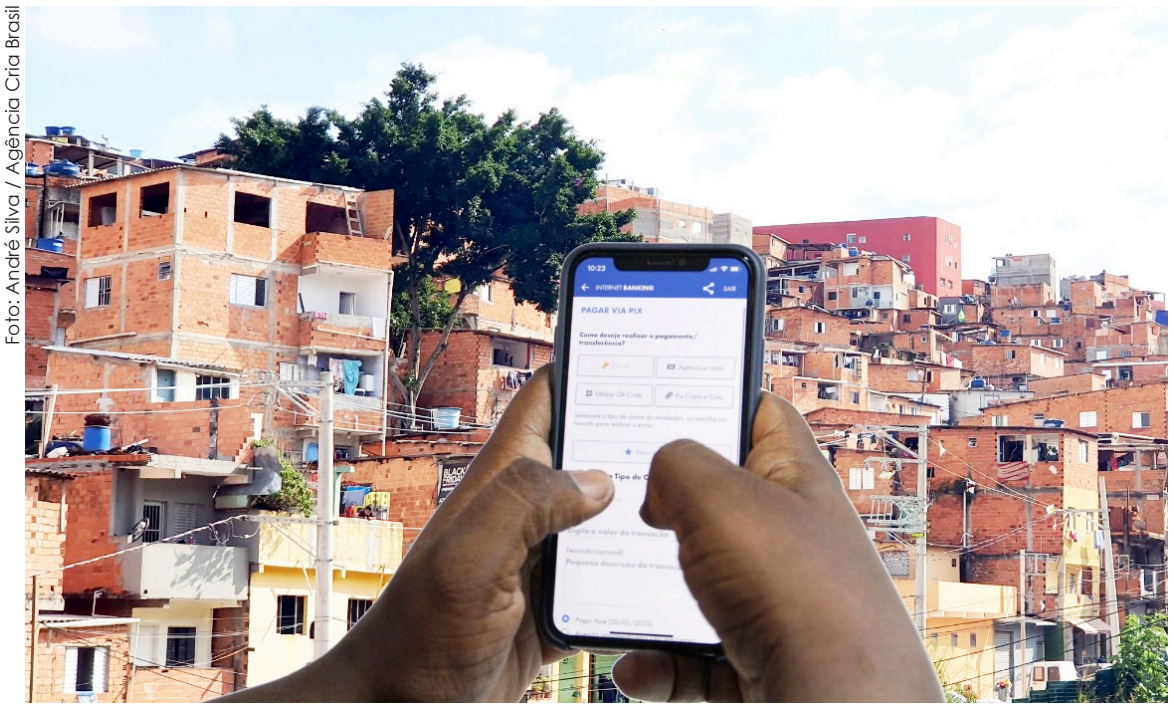


Foto: André Silva / Agência Cria Brasil

JAMAIS INFORME A SUA SENHA

A senha bancária e a sua chave Pix são duas coisas completamente diferentes. Na hora de receber uma transferência, informe apenas a sua chave, suficiente para realizar a transação.

GOLPES POR TELEFONE

Não informe dados e senhas por telefone, existem muitas centrais de atendimento falsas e você pode receber o contato de alguém se passando por funcionário de banco, que vai oferecer ajuda para cadastro da chave do Pix ou afirmar que você deverá realizar uma atualização de cadastro apenas para ter acesso aos seus dados.

NÃO CLIQUE EM LINKS RECEBIDOS POR SMS, E-MAIL OU WHATSAPP

Existem muitos golpes aplicados dessa forma. Ao clicar em links desconhecidos, você pode ser redirecionado para sites e páginas falsas que podem roubar os seus dados.

DESCONFIE DE PEDIDOS DE PIX PELO WHATSAPP

Uma das formas mais comuns de aplicar golpes do Pix é por meio de celulares clonados. Os golpistas podem se passar por parentes e amigos para solicitar que uma quantia em dinheiro seja transferida via Pix. Por isso, antes de realizar qualquer transação, confirme por telefone ou pessoalmente se aquela pessoa está realmente solicitando aquele dinheiro.

MUITO CUIDADO COM QR CODES

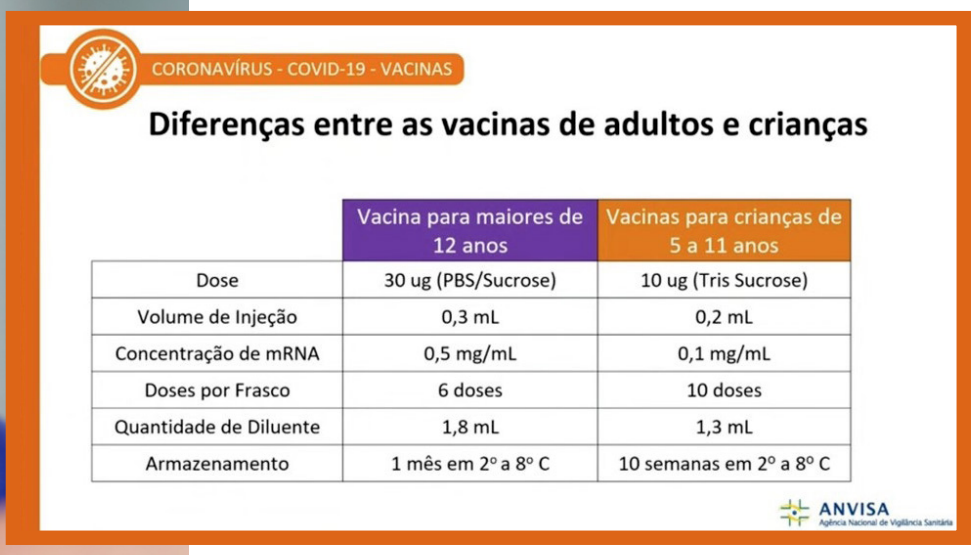
Usar QR codes é muito fácil e te permite realizar transações sem a necessidade de digitar a chave Pix, por isso, antes de concluir qualquer transação utilizando essa ferramenta, verifique as informações da conta do destino e também a quantia que deve ser paga.

Cidade de São Paulo prevê vacinar todas as crianças de 05 a 11 anos com a 1ª dose contra COVID até a volta às aulas

Vacinas têm dosagens e composições diferentes de acordo com cada faixa etária

Fotos: Reprodução





	Vacina para maiores de 12 anos	Vacinas para crianças de 5 a 11 anos
Dose	30 ug (PBS/Sucrose)	10 ug (Tris Sucrose)
Volume de Injeção	0,3 mL	0,2 mL
Concentração de mRNA	0,5 mg/mL	0,1 mg/mL
Doses por Frasco	6 doses	10 doses
Quantidade de Diluente	1,8 mL	1,3 mL
Armazenamento	1 mês em 2° a 8° C	10 semanas em 2° a 8° C

Por Monica Rydlewski

A Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) aprovou, em 16 de dezembro de 2021, a indicação da vacina Comirnaty da Pfizer para imunização contra Covid-19 em crianças de 5 a 11 anos de idade.

A aprovação permitia o início imediato do uso da vacina no Brasil para essa faixa etária, mas só teve início dia 17 de janeiro deste ano. A autorização veio após uma análise criteriosa de dados e estudos clínicos conduzidos pelo laboratório. A equipe técnica afirmou que as informações avaliadas indicavam que a vacina é segura e eficaz para o público infantil, conforme solicitado pela Pfizer e autorizado pela Anvisa.

A morosidade no processo entre a aprovação da Anvisa, e o aceite pelo Ministério da Saúde, que solicitou uma "Consulta Pública" para o uso da vacina, causou um desconforto em alguns pais e responsáveis quanto à eficácia e isenção de efeitos colaterais do imunizante, causando um atraso e um retrocesso na confiança do sistema vacinal do país, que já comprova sua total eficiência em casos como sarampo, poliomielite, gripe entre tantas outras doenças, totalmente sob controle ou erradicadas no país.

Entrevistamos alguns pais e, por unanimidade, a vacina é mais que bem-vinda e esperada. Rubens Sebastião da Silva, já com suas doses em dia, nos mostrou seu orgulho, por sua filha Liane, 9 anos, já estar com data marcada para a vacinação. "Eu fui ao posto e como ela já tem carteirinha e faz acompanhamento lá, consegui marcar."

Milena Rodrigues, mãe do Pietro, 9 anos, também se mostrou a favor da vacina e disse: "Se o governo diz que é bom, temos que dar. É mais segurança para todo mundo."

Houve um crescimento de 63,3% nos últimos dois meses no número de crianças e adolescentes internados em UTI por Covid-19 no Estado de São Paulo. Os dados são da Secretaria de Estado da Saúde, o que só evidencia a urgência na aceleração da vacinação entre crianças e adolescentes.

Ainda segundo os médicos e pesquisadores, as reações adversas entre as crianças são raríssimas, e foram levadas em conta na pesquisa em que 8,7 milhões de doses foram aplicadas nessa faixa etária nos EUA.

A torcida agora é para que com a aprovação da Coronavac para as faixas etárias em questão o processo seja acelerado de forma a que que todas as crianças estejam vacinadas até a volta às aulas.

Confira algumas informações importantes sobre a vacinação infantil:

1. A vacina para crianças tem dosagens e composições diferentes daquelas usadas para os maiores de 12 anos.
2. Para as crianças de 05 a 11 anos, a tampa do frasco da vacina é da cor LARANJA, com a dosagem de 0,2 ml, para facilitar a identificação pelas equipes de vacinação e também pelos pais, responsáveis ou cuidadores que levarão as crianças. A segunda dose deverá ocorrer em até 8 semanas.
3. Para os maiores de 12 anos, a vacina será alocada em duas doses de 0,3 ml, e terá a tampa ROXA.
4. A vacina também tem esquema diferente de conservação e pode ficar armazenada por 10 semanas em temperatura de 2 a 8°.

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Violência contra a mulher: existe uma saída

Casa oferece acolhimento e capacitação para mulheres vítimas de violência

Por Keli Gois

Do Terminal Campo Limpo, na Zona Sul de São Paulo, saem diversos ônibus que conectam diferentes pontos da cidade. Mas é em uma casa de acolhimento localizada a poucos metros de lá, que mulheres vindas da região do Capão Redondo, Vila Andrade e do próprio Campo Limpo, encontraram seus caminhos.

"- Seja bem-vinda!", seguida de um sorriso no rosto, é assim que todas as mulheres que chegam ao Centro de Defesa e Convivência da Mulher, Mulheres Vivas (CDCM), são recebidas. Por lá, além de atendimento psicológico, elas recebem também orientação jurídica e podem participar de cursos de capacitação na área de panificação e confeitaria, além de cursos de convivência como Tai Chi Chuan.

"As mulheres podem vir por demanda da delegacia, do CRAS, do CREAS, do Posto de Saúde ou do hospital. Qualquer suspeita de violência pode ser encaminhada para cá", explica Sheila Pauli Hsu - Gerente e psicóloga no CDCM Rede Mulheres Vivas, enquanto mostra alguns totens espalhados pela casa, uma exposição itinerante que conta histórias reais de mulheres mortas vítimas de violência doméstica na Zona Sul da capital.

Nas salas de acolhimento, as mulheres que chegam são recebidas pelas assistentes sociais e psicólogas, que fazem o primeiro atendimento, assim como dos filhos, que também podem ser recebidos no local. "Se elas precisarem de atendimento jurídico, elas podem contar com a consultoria de uma advogada, que, inclusive, pode fazer o Boletim de Ocorrência para as vítimas de agressão e que não se sentem à vontade de ir até a delegacia", comenta Sheila.



Gerente da casa há dois anos, Sheila explica o Ciclo da Violência Doméstica, que consiste no Acúmulo de Tensão (quando não há diálogo, a tensão cresce e a mulher tenta acalmar a situação), passando para a Explosão (quando atos de violência e agressões verbais, psicológicas, físicas e sexuais acontecem), até chegar na Lua de Mel (quando vêm as promessas de mudança por parte do agressor e acontece a ausência de agressão). "Mesmo as mulheres tendo consciência do Ciclo da Violência, elas sempre acham que com elas vai ser diferente, então tem muitas que demoram a perceber esse ciclo."

O trabalho de Sheila, das assistentes sociais, psicólogas e advogadas da casa é justamente orientar essas mulheres, para que elas entendam como o ciclo de violência ocorre e também tomem conhecimento dos diferentes tipos de violência, que, além de física, podem ser psicológica, sexual, patrimonial ou moral.

"Quando elas chegam aqui, a gente vai conversando e explicando sobre violência. Tem muita mulher que chega aqui por conta dos cursos, aí depois a gente vai conversando sobre violência e elas entendem que passam por isso."

Além de contar com todo o suporte da casa, mulheres em situação de vulnerabilidade social que sofrem violência doméstica e queiram deixar seus lares, podem solicitar um auxílio-aluguel de R$ 400, que é pago pelo governo pelo período de até um ano, com possibilidade de prorrogação. E o serviço pode ser solicitado ali mesmo, no centro de acolhimento.

A casa atende cerca de 150 mulheres, e funciona de segunda a sexta-feira, das 8h às 17h para acolher toda e qualquer mulher que precise de ajuda, inclusive as mulheres Trans, que além de preconceito, também são vítimas da violência.

TIPOS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Violência Física

Qualquer comportamento que ofenda sua integridade ou saúde corporal

Exemplos: • Empurrar • Chutar • Torturar • Bater • Violentar • Mutilar • Espancar • Amarrar • Atirar Objetos • Sacudir • Usar Arma Branca • Usar Arma de Fogo

Violência Psicológica

Qualquer comportamento que te cause dano emocional e diminuição da autoestima, causando prejuízo à saúde psicológica.

Exemplos: • Constrangimento • Humilhações • Manipulação •Isolamento • Ridicularização • Exploração • Controle Social • Ameaça • Vigilância • Constante Perseguição • Insultos • Chantagem

Violência Sexual

Qualquer comportamento que te constranja a presenciar, manter ou a participar de relação sexual não desejada. Impedir a utilização de qualquer método contraceptivo ou te force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição.

Exemplos: • Fazer a mulher olhar imagem pornográficas • Exigir práticas que você não gosta

• Obrigar a mulher a fazer sexo com outras pessoas

Violência Patrimonial e Econômica

Qualquer comportamento que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos

Exemplos: • Controlar seu dinheiro • Causar danos de propósito a objetos que ela gosta

• Reter objetos, ou instrumento de trabalho • Ocultar bens e propriedades;

Violência Moral

Qualquer comportamento que configure calúnia, difamação ou injúria

Exemplos:

• Fazer comentários ofensivos na frente de estranhos ou conhecidos

• Expor a vida íntima do casal para outras pessoas, inclusive nas redes sociais

Nicoly: a trans, preta, periférica, resiliente e pioneira de Paraisópolis

Por Ana Vitória

Meu nome é Ana Vitória, mas sou conhecida como Mc Trans. Moro na comunidade de Paraisópolis há cinco anos, e minha primeira amiga por aqui foi a Nicoly Scofany, que também é uma mulher trans. Aproveitando que Janeiro é o mês da visibilidade trans, gostaria de compartilhar uma experiência vivida não só por mim, ou pela minha amiga Nicoly, mas também por várias mulheres trans.

Sempre fui muito bem tratada por todos. Algumas pessoas me paravam na rua para me falar o quanto achavam eu e a Nicoly bonitas, mas o que me chamou atenção foi que algumas diziam não se aproximar dela por pensarem que ela era antipática. Então passei a observar e percebi que na verdade não era antipatia, mas sim, que ela estava sofrendo transfobia e racismo.

As pessoas achavam a Nicoly muito antipática, sempre de cara fechada e comentavam isso comigo. Conforme eu andava com ela, eu percebia muitos sorrisos direcionados a minha pessoa, e isso começou a incomodar, afinal, nós duas somos trans. Com o passar do tempo, comecei a perceber que ela não passava apenas por transfobia por ser uma mulher trans, mas também por racismo, por ser uma mulher trans negra.

Certa vez, pegamos um Uber e o motorista, que também era negro, fez questão de maltratar a Nicoly na minha frente. Como andávamos sempre juntas, comecei a reparar que outros homens negros faziam de tudo para maltratar e discriminá-la. Foram anos de amizade até eu perceber que a violência era muito maior.

Certa vez, eu a questionei sobre o assunto perguntando o porquê ela não se comunicava com todo mundo de maneira tão aberta e, nessa altura eu pude perceber que ela foi uma Trans Negra que, para sobreviver como uma das primeiras mulheres Trans a se transacionar na comunidade, precisou criar uma barreira. Com cara fechada, precisava mostrar que não tinha medo de ninguém para não apanhar. Ao fazer isso, era como se ela estivesse dizendo para os homens negros o seguinte: Eu estou pronta para a briga, me deixa passar!

Outro momento foi quando fui fazer um trabalho de maquiagem no interior de São Paulo e a motorista não cumprimentou a Nicoly e muito menos outra garota negra cisgênero. Ela me colocou no banco da frente e ignorou o que as outras duas meninas estavam falando, e nesse dia tive o maior 'baque' na minha cabeça. As pessoas não compreendem a dor do outro e isso deveria ser mais forte dentro da comunidade. Quando uma mulher trans mora dentro de uma favela sendo negra, ela acaba sofrendo mais por isso, pois todos os outros moradores negros também têm preconceito pelo simples fato dela ter sido um homem na cabeça deles, até porque nunca foi um, na real ela transicionol para uma mulher negra e por conta disso, eles pensam que é uma traição de cor e que não é possível uma pessoa que nasceu com o sangue preto ir lá e trair o sangue se vestindo de mulher. Isso é um preconceito, uma transfobia absurda misturada com racismo, e essas pessoas muitas vezes acabam sendo violentas com as mulheres trans, periféricas e negras.

Então, esse texto é para levantar uma reflexão de que nem sempre aquela pessoa que não cumprimenta todo mundo ou está com a cara fechada é uma pessoa antipática, às vezes ela está com medo e se protegendo para sobreviver.

Foto: Acervo pessoal



Com essa mensagem, eu gostaria de apresentar a vocês, para quem não teve a oportunidade de conhecer, a Nicoly, uma mulher transexual que luta há muitos anos pela sua sobrevivência, uma mulher que sempre ajuda todos os seus amigos, incluindo a mim, quando vim morar na comunidade. Ela é uma mulher generosa, uma ótima cozinheira, uma mulher cheia de sonhos e talentos, e que teve que passar por muitas coisas tristes nessa vida, mas nunca perdeu seu sorriso no rosto, mas claro, esse sorriso apenas abre para quem merece.

Uma mulher que, além de forte, é muito bonita e que traz para nós um ensinamento de vida para ser quem é. Ela nunca desistiu, então a força e a garra vêm junto ao seu nome. Lembrando que Nicoly também tem uma profissão, trabalhou com grandes artistas como assessora, é talentosa, criativa e, principalmente, militante.



Ana Vitória
Conhecida como Mc Trans, é mulher trans, mãe e militante. Atua como cantora de funk e apresentadora do quadro "Me ajuda Trans", no programa HERvolution, na Redetv.

GASTRONOMIA

Acarajé e muito axé!

Foto: Acervo pessoal



Por Mônica Rydlewski

É impossível passar pela Av. Hebe Camargo e não perceber o food truck amarelo, na esquina abem pertinho do AMA. Sim, estou falando do Point do Acarajé da Mila, mas não é um acarajé qualquer, ele vem cheio de histórias, ingredientes saudáveis e muito axé.

A carismática Mila é natural de Muritiba, na Bahia, e aprendeu seu ofício da maneira tradicional. Suas roupas são impecáveis e sua alegria é contagiante. "Cresci aprendendo várias comidas típicas da Bahia com minha mãe, Marlene, mas foi na casa de Axé (Terreiro de Oiá Balé de Ofá), onde aprendi o preparo do acarajé, que representa a minha vida, cultura e respeito. O ritual de preparo é muito amor e carinho pelo que faço" Diz Mila.

O acarajé é um prato africano e sua história vem de Iansã e Xangô, orixás do candomblé. Recomendo a pesquisa porque as histórias dos orixás estão intimamente ligadas às origens das comidas baianas de matizes africanas.

Na barraca da Mila, o acarajé é muito bem feito: sequinho e os temperos são na medida certa. O bolinho é feito com massa de feijão, batido no moinho, temperado com cebola e frito no dendê. Vatapá, caruru, camarão, vinagrete e a pimentinha baiana para quem gosta.

O espaço ainda serve abará fresquinho, além de uma deliciosa cocada caseira. A bebida fica por conta de cervejas ou refrigerantes bem gelados. Ah, e o preço é justo e cabe em qualquer bolso. Super Recomendo!

Serviço:

Av. Hebe Camargo, 23 – Paraisópolis

Atende pelo Ifood ou pela entrega própria (11) 95760 6408

Tem indicações? Nos envie pelo direct do Instagram @monicarydlewski ou @espacodopovo

DA MINHA COZINHA PARA A SUA

Risoto de abóbora fácil e com ingredientes baratinhos

Que tal darmos ao bom e velho arroz uma cara mais sofisticada, com poucos ingredientes, saudáveis e baratinhos? Parece impossível, mas não é, basta um pouquinho de criatividade e ousadia.

Posso chamar risoto, ou apenas de um arroz incrementado, dado que para fazer risoto, deveríamos utilizar o arroz chamado arbóreo, uma variedade italiana de arroz. O seu nome vem da comuna de Arborio, na região do Piemonte. Ele é rico em amilopectina, o que confere a ele uma cremosidade que não encontramos no arroz comum, mas seu custo é um pouquinho salgado! Por isso, vou te dar uma dica para usar o arroz comum!

Para dar a esse arroz essa sofisticação você

Foto: Monica Rydlewski



Finalizei com cebolinha verde e queijo coalho grelhado.

vai precisar de:

2 xícaras de arroz cru (sem lavar)

1 cebola média picadinha (em Brunoise – quadradinhos pequeninhos)

150 gramas de abóbora cabotiá cozida no vapor e amassada com um garfo

2 colheres de chá de gengibre fresco ralado

100 ml de leite de coco

3 xícaras de caldo de legumes (deixe sobrar um pouco mais caso necessite)

Sal q.b. (quanto baste)

3 colheres de sopa de óleo ou azeite

Cebolinha, salsa ou coentro para finalizar.

Modo de fazer:

Amasse a abóbora com um garfo, sem deixar mole demais. Junte o leite de coco, o gengibre e o sal, faça um purê grosso e reserve. Em uma panela, coloque o azeite, deixe aquecer e doure as cebolas. Junte o arroz e deixe dar uma tostadinha (nessa hora, se quiser, pode pingar um dedinho de cachaça).

Acrescente a água e abaixe o fogo. Quando estiver secando, o suficiente para ver os furinhos no arroz, coloque o purê e mexa. Abaixe o fogo e continue cozinhando. Se necessário, pingue mais caldo de legumes. Ele vai ficar um arroz mais molhadinho, que é a consistência do risoto.

Finalize seu arroz com salsa ou coentro picadinhos e sirva na hora.

O que sobrar, você pode fazer um bom bolinho de arroz. Mas isso é assunto para outra edição.



Mônica Rydlewski
Bailarina, produtora de eventos, atua em Paraisópolis há 11 anos. Hoje, além de colunista do Jornal Espaço do Povo e de criadora de conteúdo na Agência Cria Brasil Comunicação, a chefe de cozinha desenvolve diversas atividades voltadas à gastronomia dentro da comunidade.

“Sabíamos que se nos mobilizássemos para construir um bairro, a gente teria mais chance de dar certo.”

Relembra Gilson Rodrigues, morador da comunidade há mais de 30 anos



Foto: José Barbosa / CriaBrasil

A minha história em Paraisópolis começou quando eu cheguei aqui aos cinco anos de idade, após o falecimento da minha avó, que eu chamava de mãe. A minha família já está aqui há 70 anos. Eu vim para cá atrás da minha mãe, uma mulher surda-muda que vivia aqui com minhas tias que vieram atrás da realização de um sonho: morar em uma cidade grande, dar educação para os filhos e fazer uma nova vida sem dificuldades.

Chegamos aqui e nos deparamos com uma situação diferente daquela que nós sonhamos. Nos deparamos com a favela, preconceitos, dificuldades de acesso, morando em cima do córrego e passando por situação de fome e desemprego. Nós tínhamos que esconder que morávamos em Paraisópolis. Quando alguém perguntava onde vivíamos, éramos orientados a falar que morávamos no Morumbi, mas olhavam para a nossa cara e não era a cara do Morumbi.

Todos esses preconceitos atrelados ao nome “Favela”, eu e minha família sofremos desde o início, e percebemos que a perspectiva de sair daqui era praticamente impossível alguns anos atrás. Mas sabíamos que se nos mobilizarmos para construir um bairro, a gente poderia ter mais chance de dar certo, e isso nós temos feito já há alguns anos.

As pessoas não sonham em morar na favela, em passar dificuldade, morar em cima do córrego, sofrer com enchentes, morar em cima de ribanceiras e passar por um grande incêndio todos os anos. A gente não quer viver em uma situação de pobreza, queremos viver em uma situação de riqueza. Por mais dificuldades que nós passamos no interior da Bahia, onde eu sofri violência, humilhações e cheguei até a comer lavagem de porco para sobreviver, era uma dificuldade diferente do que a que enfrentamos na cidade grande.

Eu percebo que, cada vez mais, a força das pessoas está na união do povo, uma união da comunidade. E as comunidades no Brasil têm essa tradição de, em momentos de mais dificuldades, conseguirem se unir para resolver os seus problemas. E percebemos que essa união também representa união econômica. Se antes as pessoas nos viam como carente, quando a gente mostra o nosso número acumulado, as pessoas vão ver um número potente, que pode transformar a nossa vida, ajudar a desenvolver e gerar oportunidades de emprego.

Nós estamos nesse momento criando uma nova Paraisópolis onde nós temos olhado menos para os culpados e focado em encontrar soluções. Não queremos ser vistos como marginais e violentos, mas sim como potentes. Não queremos ser carentes, queremos ser ricos, ter condições para formar as nossas vidas. Ir buscar um processo de transformação para a favela e, por consequência, transformar a nossa vida e a vida de outras famílias.

A melhor forma da gente conseguir avançar ainda mais é criar opções para que as pessoas possam empreender e transformar as suas vidas. A partir do momento que a gente tem feito isso e tem dado certo, o Brasil inteiro tem olhado para a gente como um modelo que está dando certo pela mão dos próprios moradores. Podemos ser agentes da nossa própria transformação. E o Brasil olha, vê que está dando certo e começa a seguir.

Memórias de Paraisópolis

Lançado em julho de 2015 pelo diretor de Comunicação da Agência Cria Brasil, Joildo Santos, o Memórias de Paraisópolis tem como objetivo criar um centro de memórias da comunidade, fazendo um recorte da história da segunda maior favela de São Paulo a partir de relatos dos moradores mais antigos.

COMUNIDADE

G10 Favelas une forças e voluntários para levar ajuda às famílias vítimas das enchentes no país

Grupo arrecadou mantimentos, brinquedos e kits de higiene que foram doados para famílias da Bahia e Minas Gerais

Por Keli Gois



Foto: Clewton Dias /Agência Brasil

Após ver a casa em que cresceu, em Itambé, na Bahia, ser destruída pelas fortes chuvas em dezembro, o Presidente Nacional do G10 Favelas, Gilson Rodrigues, não podia ficar de braços cruzados. Uniu forças e voluntários de diferentes partes do Brasil e promoveu diversas campanhas de arrecadação de alimentos, brinquedos, água, colchonetes, medicamentos, roupas, calçados e produtos de higiene, que foram doados também a famílias de Minas Gerais e Maranhão.

Gilson Rodrigues visitou o estado para acompanhar de perto as ações e ajudar essas famílias, que vivem na mesma área em que ele passou a sua infância. "A casa onde eu fui criado caiu. O local mais afetado é onde eu morava, que é na beira do rio, uma área bem pobre. As águas baixaram, mas deixaram um rastro de destruição por onde passaram", se emociona.

Intitulada S.O.S Bahia, a campanha foi responsável pela realização de diversas ações, como a Blitz do Bem, que arrecadou mantimentos em diferentes pontos da capital paulista, que foram destinados às vítimas das cidades atingidas. A logística ficou por conta da Total Express em parceria com a Startup de logística, Favela Brasil Xpress, que recebeu, organizou e realizou o transporte terrestre e a distribuição dos donativos que saíram de Paraisópolis.

As ações foram conjuntas entre as lideranças do Rio Grande do Norte, Pernambuco, Distrito Federal e São Paulo. Por meio delas, o G10 Favelas já distribuiu mais de 100 toneladas de alimentos e 21 mil litros de água na Bahia e em Minas Gerais. Só no estado baiano, já são mais de 700 mil pessoas atingidas e mais de 60 mil famílias desalojadas. "Quando chegamos aos locais atingidos, vimos que nosso trabalho pode parecer de formiguinha, mas que juntos, estamos salvando vidas", destaca.

O trabalho continua agora em Minas Gerais, onde o grupo de líderes realiza novas campanhas de auxílio às famílias. "Precisamos não apenas reconstruir casas, mas a esperança e a dignidade das pessoas. Há muito o que fazer e o momento é de união e solidariedade."

As fortes chuvas em Minas Gerais continuam forçando muitas famílias a deixarem suas casas. Em todo o estado, mais de 45 mil pessoas estão desalojadas e mais de seis mil desabrigadas, com quase todo o estado em situação de emergência. "Conseguimos atender muitas famílias em diferentes partes da Bahia por meio da nossa mobilização nacional, que contou com líderes de diferentes estados. Mas ainda temos um longo trabalho pela frente. Minas Gerais precisa do nosso apoio e o nosso trabalho de mobilização para conseguirmos novas doações e parceiros não pode parar".

Em Betim - MG, o grupo de líderes formou um Comitê Gestor de Medidas de Prevenção e Enfrentamento das consequências do período chuvoso, que vai identificar e visitar a população em risco, além de entregar água potável, kits de higiene pessoal e alimentos em todo o estado.

O G10 segue apoiando famílias que ficaram desabrigadas após as chuvas que atingiram várias regiões do país e continua com as ações de arrecadação de alimentos, calçados e kits de higiene, além das doações em dinheiro, que podem ser feitas por meio do PIX 12.772.787.0001/99. "Essas famílias necessitam do nosso apoio e com a ajuda de doações e parceiros conseguimos viabilizar a entrega dessas cestas e kits. Peço a atenção de todos, no que diz respeito a perenidade nas doações. Muitos locais terão de ser construídos e a fome não espera", finaliza.

Dificuldade em atualizar Cadastro Único junto ao CRAS atrapalha acesso a benefícios

População busca atendimento junto ao CRAS, mas devido à falta de uma comunicação mais assertiva, muitos deixam de receber os benefícios

Por Talytha Cardoso

"Por favor, aguardar a sua vez, senhora. Devido às restrições do novo coronavírus, estamos atendendo uma pessoa por vez. Já fez seu agendamento?" É essa a frase que as pessoas ouvem ao chegarem ao Centro de Referência e Assistência Social — CRAS.

"Chega a ser humilhante e embaraçoso pedir um auxílio que é garantido por lei". É com esta resistência, que Ana Carolina da Silva Rodrigues, de 25 anos, moradora da segunda maior favela de São Paulo, Paraisópolis, foi buscar assistência social junto ao CRAS próximo à comunidade. Ela teve o benefício bloqueado devido à falta de atualização (que deve ser feita a cada dois anos), chegou a ir ao centro assistencial, mas não obteve resultado, e continua à espera para ser atendida.

Segundo ela, nem entrar no centro para ser atendida consegue, e sempre ouve que não há vagas disponíveis para atualizar o cadastro. Mãe de três crianças e com o marido desempregado, vê no auxílio a tábua de salvação para pelo menos manter o arroz e o feijão no prato da família. O valor de R$ 375 reais da bolsa Auxílio Brasil ajuda muito pouco a segurar as contas que não param de chegar. Só de aluguel, paga mais de R$500. A ajuda da mãe tem sido seu amparo neste momento, assim como os poucos bicos que faz como manicure.

E não é só Ana Carolina que enfrenta essa dificuldade, Karliene da Silva Menezes teve o benefício cortado antes do prazo de atualização do cadastro e já buscou auxílio sem sucesso junto ao CRAS, que informa que ela deve agendar por telefone. Mas, segundo ela, não é possível.

E é assim que, quem precisa da ajuda assistencial, depois de um extenso questionário socioeconômico para confirmar a miserabilidade, não consegue ter acesso ao auxílio. A voz dessas mulheres entra como uma representação de muitos outros moradores que chegam diariamente para pedir a ajuda social, porém, na maioria das vezes, a frase é a mesma, de que para serem atendidos, é necessário agendar ou que não há espaço na agenda.

Procuramos o CRAS Vila Andrade, sendo o Centro de Referência Social mais próximo da favela. Segundo a coordenadora substituta, Adriana Sabiá, o espaço está disponível para atender toda a população, mas que se faz necessário o agendamento prévio no telefone da Prefeitura 156, ou pelo aplicativo Descomplica. Insistiu em dizer que o centro é para todos e que está de portas abertas para atender aos munícipes, realidade diferente daquela denunciada pelos moradores, que questionam a falta de atendimento.



Foto: Talytha Cardoso / Agência Cria Brasil

G10 Favelas retoma plano anticovid em Paraisópolis

Para suprir a necessidade de atendimento médico dentro de Paraisópolis, segunda maior comunidade de São Paulo, o G10 Favelas retomou, no dia 12 de janeiro, o atendimento à população por meio de ambulâncias e equipe socorrista.

As ambulâncias particulares se mostraram essenciais em Paraisópolis e em outras comunidades pelo fato do SAMU não atender as comunidades adequadamente. O G10 Favelas está com a campanha para manter o serviço. Para doar, basta acessar o site: g10favelas.com.br



Foto: Caio Caciporé / Agência Brasil

SAÚDE DA MULHER

Casos de violência obstétrica têm se tornado cada vez mais comuns

Como a importância de um bom atendimento médico na hora do parto pode evitar a violência obstétrica

Por Talytha Cardoso

Foto: Reprodução



Fragilidade e acolhimento, é assim que o período gestacional é vivido pela mulher. Desde a escolha das roupinhas da criança, arrumar o quarto do futuro mimo dos avós e parentes até os preparativos do chá de bebê. São muitos os preparativos para receber o novo membro da família.

É algo novo para as mães de primeira viagem. A vida muda drasticamente e tudo é mudado literalmente. Mudanças de humor e hormonais passam a ficar mais evidentes nas mulheres grávidas. A magia da gestação mexe com a mulher de forma a se transformar numa outra pessoa. Tudo o que ela deseja nessa fase delicada, é saber que tem alguém que a compreenda e motive a viver uma gestação tranquila até a hora de dar à luz.

Quem poderia imaginar uma mulher sendo maltratada neste período tão delicado da vida? Sim, infelizmente é a situação que muitas mulheres sofrem no momento do parto. Toda a sua fragilidade é desrespeitada com palavras de baixo galão, descaso com a sua dor e até piadinhas de mau gosto, passam para trazer à vida seu precioso bebê.

Assim foi o que aconteceu com Shantal Verdelho, empresária e digital Influencer, que sofreu constrangimento e humilhação na hora do parto. Palavras chulas cheias de palavrões e exposição sobre seu órgão genital foram ouvidas por ela, proferidas pelo ginecologista, Renato Kalil, que atua a mais de 30 anos na área de obstetrícia.

A influenciadora só se deu conta da violência sofrida um mês depois do procedimento que ocorreu em setembro do ano passado. A exposição da violência obstétrica sofrida, partiu de um vazamento via áudio de aplicativo de mensagens que ela havia enviado para as amigas, e depois pulverizadas nas redes sociais. A dor e a vergonha de ver sua intimidade exposta de forma escrachada, não será reparada, mesmo tendo sido aberto um processo contra o médico, que segundo a assessoria dele, "o parto foi profissional e tranquilo".

Entrevistamos a enfermeira obstetra Bruna Troeira, formada pela Universidade de São Paulo — USP, que participa ativamente de um grupo de enfermeiras nas redes sociais que visam fortalecer o acompanhamento materno-infantil e ginecológico, para falar sobre esta situação que Shantal sofreu e que, infelizmente, é institucionalizada no curso de formação médica.

Segundo Bruna, é cultural o pensamento que o corpo feminino é defeituoso e que precisa de correção, e este pensamento é implantado de forma natural no cotidiano, principalmente para quem atua na área da saúde.

Para as mulheres que vivenciaram esta violência, há canais de denúncia. A mulher pode pedir uma cópia do prontuário médico, e entrar em contato com a ouvidoria do serviço médico onde sofreu a violência ou ligar nos canais de apoio à mulher como 180 (Canal de atendimento para mulheres que sofreram alguma violência) ligar no disque saúde 136, além de poder recorrer ao órgão de atuação do setor da saúde como, Conselho Regional de Medicina ou Conselho Regional de Enfermagem.

Por que as fake news parecem verdadeiras?

Por Adriana Teixeira

As fake news enganam e confundem a audiência porque são produzidas para parecerem verdadeiras. Disfarçam-se de notícia para nos convencer desta pretensa credibilidade, e adquirem diferentes formatos e linguagens para circularem livremente por plataformas digitais, aplicativos de trocas de mensagens e sites impostores.

Sustentam narrativas que falsificam a verdade para influenciar a nossa percepção da realidade. E, muitas vezes, conseguem atingir seu objetivo principal: não serem identificadas como mentiras.

Nós, brasileiros, já fomos considerados a população que mais acredita em fake news. A constatação foi resultado de uma pesquisa global conduzida pela organização de mobilização digital Avaaz, no primeiro semestre de 2020. A pesquisa consistia em expor os entrevistados a narrativas falsas sobre a COVID-19 e registrar quantos deles achavam que elas eram verdadeiras. Os brasileiros foram os mais enganados (73%): sete em cada dez entrevistados acreditaram nas fake news sobre o coronavírus. Logo atrás de nós estavam os italianos (65%) e os americanos (59%) na lista das populações mais vulneráveis à desinformação. No início daquele mesmo ano, outro estudo, feito na América Latina pela empresa de segurança digital Kaspersky revelava que 62% dos brasileiros não eram capazes de identificar fake news.

Passados dois anos de caos informacional, novos estudos já começam a indicar alteração na nossa relação com fake news. A exposição diária à desinformação durante a pandemia da COVID-19 e o crescente debate sobre o tema podem ter despertado a nossa atenção para as

consequências devastadoras das notícias fraudulentas. Este é o caminho apontado pela pesquisa global do Instituto Reuters, da Universidade de Oxford, divulgada em setembro do ano passado, e mostra os brasileiros (85%) como os mais preocupados com a circulação das informações falsas no ambiente comunicacional. Cerca de 40% dos entrevistados no Brasil manifestaram inquietação com a participação de políticos na divulgação de desinformação sobre o coronavírus. Logo atrás do Brasil estão Portugal (71%), Espanha (69%), Chile (66%), Grécia (66%), Austrália (65%) e Estados Unidos (64%).

A boa notícia nos leva a investir cada vez mais no debate e na reflexão sobre desinformação, especialmente a científica – que nega o valioso trabalho dos pesquisadores. Em plena pandemia, todos os dias, nos deparamos, frequentemente, com textos, áudios e vídeos que contrariam a importância das vacinas diante de inumeráveis evidências sobre a eficácia dos imunizantes. Pesquisas no mundo inteiro mostram, por exemplo, que a maioria dos indivíduos vacinados não necessita de internação hospitalar no caso de contágio pela variante ômicron do coronavírus. Apesar dos fatos, a desinformação insiste na negação da Ciência – e atua motivada por interesses políticos e econômicos.

O primeiro passo para seguirmos atentos às intenções das fake news é reconhecer que elas não são resultado de erros ou descuidos na produção da informação, mas referem-se a conteúdo falso ou enganoso cuidadosamente fabricado para influenciar nosso comportamento. Imprescindível entender ainda que critérios e técnicas comunicacionais orientam a produção da desinformação, para que ela possa se mostrar a nós como verdadeira – embora seja o oposto.

Uma das técnicas mais praticadas pela indústria da desinformação na produção de fake news é a redação do texto de forma que ela pareça uma notícia. A mensagem chega até nossas redes sociais como informação inusitada (notícia) e o post tem visual muito semelhante ao desenho gráfico de portais de notícias profissionais (reconhecidos como veículos informativos). Esta indústria ainda usa material da imprensa para produzir desinformação: vídeos com entrevistas e reportagens recebem falsas legendas e as falas dos entrevistados são editadas e manipuladas. E mais: fotografias, áudios e vídeos antigos (com notícias de outras épocas) entram na criação de fake news, disseminando informação fora do contexto do acontecimento dos fatos.

A mensagem enganosa é produzida em várias versões: na linguagem de texto, áudio e vídeo, para que possa circular por todo o ambiente comunicacional – e ocupar simultaneamente as plataformas digitais. Esta dinâmica de circulação, que prevê a repetição da mesma falsa mensagem, produz e fortalece o ambiente de desinformação. A repetição é adotada para criar em nós a percepção de que estamos em contato com algo já conhecido e, consequentemente,

"verdadeiro". Boa parte das fake news inclui ainda textos curtos e apelativos, com expressões como "urgente", "repasse agora" e "confirmado, compartilhe", entre outros, para incentivar a audiência a encaminhar adiante o conteúdo.

Os produtores de fake news investem também nos vídeos narrados em primeira pessoa, ou seja, a história é contada a partir de (suposta) experiência pessoal. Este formato é muito utilizado porque os testemunhos são valorizados em nossa sociedade e entendidos como legítimos. Neste caso, as fake news se apresentam, geralmente, em tom de denúncia e atacam a credibilidade da imprensa.

Para completar o ambiente da desinformação, há os sites disfarçados de produtores de informação jornalística. Representam os interesses políticos e/ou econômicos de determinados grupos e são remunerados pela produção e divulgação de notícias falsas e enganosas. Boa parte deles ainda recebe dinheiro de publicidade inserida no próprio site.

Se soubermos identificar fake news entre as informações verdadeiras, conseguiremos bloquear o compartilhamento das notícias enganosas e, assim, reduzir a circulação de desinformação em nossas redes, limitando a influência dela nas nossas vidas. Não se engane: mentira tem perna curta.



Adriana Teixeira
É jornalista, pesquisadora, doutoranda em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Atuou como repórter e editora, por 20 anos, nos jornais Diário Popular, Diário de S.Paulo e Brasil Econômico. Também realiza palestras sobre seu principal objeto de pesquisa: desinformação científica.

DIREITO

O que é a Previdência Social e quais benefícios ela oferece?

Por Antonio Ananias

A previdência social integra o sistema nacional da seguridade social, juntamente com o SUS (Sistema Único de Saúde) e a rede de atendimento da assistência social. Assim, essas três estruturas públicas têm por objetivo proteger as pessoas de situações relativas a doenças, à pobreza e a incapacidade para o trabalho.

Enquanto o SUS se destina a atender qualquer problema de saúde e a assistência social à redução da pobreza, a previdência foi instituída para apoiar os trabalhadores e qualquer pessoa que esteja filiada a ela. Para melhor ilustrar, a previdência se assemelha a um clube e a um consórcio, pois somente os "associados/consorciados contribuintes" podem usufruir de seus serviços e benefícios exclusivos.



Foto: Reprodução

Caso você opte em se filiar à previdência, o valor mínimo de contribuição é de 5% do salário mínimo (exclusivo para famílias de baixa renda e trabalhadores informais), você poderá solicitar os seguintes benefícios: aposentadoria, auxílio doença, auxílio acidente, salário maternidade, salário família, pensão por morte e auxílio reclusão.

Assim, é evidente que associar-se à previdência é de suma importância, pois ela vai te ajudar financeiramente nos momentos em que você estiver impossibilitado de auferir renda, seja porque está idoso, doente ou acidentado. Para tornar-se contribuinte, você deverá procurar uma agência da Caixa Econômica ou acessar o "site" www.meu.inss.gov.br e gerar o boleto de pagamento.

Caso a sua situação financeira não permita pagar a contribuição previdenciária, possivelmente, você terá direito a ser atendido pela rede da assistência social, que além de outras coisas, poderá apoiá-lo com o BPC (benefício de prestação continuada) no valor de um salário mínimo, se você for maior 65 anos ou for portador de alguma deficiência. Neste caso, se você mora em Paraisópolis, procure o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) ou o Serviço de Assistência Social à Família (SASF), na Rua Gen. João Pereira de Oliveira, 26, na Fazenda Morumbi.



Antonio Ananias

Advogado e sócio-fundador do escritório ananias.adv.br, exerce trabalhos voluntários em Paraisópolis





VOCÊ PENSA A GENTE CRIA!

Divulgue seu negócio com a agência Cria Brasil e deixe que as pessoas te conheçam.

@criabrasilcomunicacao Cria Brasil (11)97723.4537